Enigma da Fábrica

Alice Barone

Enigma da Fábrica

Alice Barone

http://www.enigmadafabrica.com
Belo Horizonte, Minas Gerais
2021

Essa obra intelectual encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei nº 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil. Conforme determinação legal, a obra não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu autor.

Copyright © by Alice Barone Pereira
Todos os direitos são reservados. Distribuição gratuita.

SUMÁRIO

CAP 1 Onde tudo começou

CAP 2 Conhecendo a fábrica abandonada

CAP 3 Como conhecemos Four

CAP 4 Detalhe importante sobre Four

CAP 5 Finalmente eu sei a verdade

CAP 6 As cartas e o chefe de Paul

CAP 7 O início de um enigma

CAP 8 Uma descoberta importante

CAP 9 Esconderijo de Paul

CAP 10 O plano louco de Marcos

CAP 11 O fim

Cadê ele

PRIMEIRO CAPÍTULO – ONDE TUDO COMEÇOU

Bom, essa história não começa com “era uma vez”. Na verdade, começa comigo falando mesmo.

Meu nome é Marcos. Eu tenho 16 anos e moro no Brasil com minha mãe. Hoje vou contar como foram as minhas últimas férias que, por incrível que pareça, foram as férias mais estranhas da minha vida. Chega de enrolação, eu vou logo começar a contar como tudo aconteceu. Mas antes precisamos voltar um pouco no tempo.

Há quinze anos, houve um desastre em uma fábrica de androides no Japão. Por algum motivo que não foi divulgado, aconteceu uma explosão na área e atualmente ninguém mais vai aonde ocorreu o desastre. Quando eu era pequeno, sempre ouvia hipóteses e rumores sobre a tal explosão, mas nunca tive curiosidade para saber a fundo sobre isso, diferentemente do meu tio.

Meu tio, o André, é primo da minha mãe e foi criado com ela. Ele tem 32 anos e já não sabe mais o que fazer da vida. Era pesquisador e foi demitido do seu trabalho por ser meio doido da cabeça. Eu sinceramente concordo com quem o demitiu. Ele realmente é doido da cabeça.

No meu segundo dia de férias, eu recebo uma mensagem desse meu tio que dizia:

“E aí, meu sobrinho preferido, qual é a boa? Seu tio preferido tem novidades. Já ouviu falar daquela explosão

que aconteceu... Vixi, não lembro onde foi. Mas esse desastre aí que aconteceu faz uns quinze anos, o mundo todo comentou, sabe? Exato, esse mesmo. Como já era de se esperar, eu quero fazer umas pesquisas loucas onde aconteceu o tal desastre. Queria saber se meu sobrinho favorito deseja ir comigo para fazer essas pesquisas. Juro que vai ser legal, e que eu não vou te esquecer no shopping como da última vez. Beijos do tio André. Até logo!”

Nessa hora, confesso que entrei em choque. Meu tio doido me chamando para passar meses em um lugar onde houve um desastre? Mas tudo bem, eu sabia que não ia fazer mais nada de interessante durante as férias, já que eu sou um otaku antissocial que não sai de casa.

Pensei a respeito da proposta do meu tio antes de contar para os meus pais, pois eu sabia que se eu abrisse o bico sem ter um plano para convencer os dois ia levar um NÃO na cara. E, para falar a verdade, até que eu estava achando legal a ideia. Imagina, conhecer um lugar não mais habitado no Japão?

Fiquei uma semana pensando na proposta e aí decidi que ia topar essa ideia louca. Agora, o problema seria falar com os meus pais. Como eles me deixariam ir para o fim do mundo com um tio em que não confiam? Mas ok, eu ia tentar de qualquer jeito. Se não conseguisse, pretendia rever nas férias animes que eu já tinha visto umas quinze vezes.

No dia seguinte, decidi encarar o desafio e contar para o meu pai. Como meus pais são separados, achei melhor

contar primeiro para a pessoa que não ia entrar em desespero e me chamar de louco.

Avisei para a minha mãe que iria atrasar um pouco e fui para a casa do meu pai. Ele mora a uns sete quarteirões da minha escola. Chegando lá, eu tomei coragem e falei:

-Pai, lembra daquele meu tio, o André?

Nessa hora eu estava com medo da reação do meu pai, pois não lembrava se ele conhecia esse meu tio que chamava de Pedro o meu pai que na verdade se chama Felipe. Como eu já disse, meu tio é meio doido da cabeça. Meu pai respondeu:

-André... Hum... Acho que lembro dele. Mas qual é o motivo de falar do seu tio agora?

-Então, pai, ele me fez um convite meio doido para essas férias, mas, por incrível que pareça, eu achei legal e queria aceitar.

Peguei meu celular no meu bolso e mostrei para ele a mensagem. Meu pai arregalou os olhos e disse:

-Tem certeza, filho? Bom, se você quiser ir e achar que esse maluco não vai cortar sua cabeça, pode ir, sim. Mas não deixa de explicar tudo direitinho pra sua mãe e me passe todos os detalhes da viagem.

Fiquei super animado na hora e o agradeci. Mas ainda tinha um problema, que era convencer minha mãe a me deixar ir. Eu sabia que não seria fácil.

Logo depois eu voltei para casa, e minha mãe já perguntou o motivo da minha demora. Eu pensei em contar pra ela, então eu nem pensei duas vezes e falei:

-Mãe, olha essa mensagem do meu tio André.

Mostrei meu celular para ela, e, nesse exato momento, ela começou a berrar, dizendo que meu tio era doido e eu também. Eu não sei como dei um jeito de acalmar a situação e conversar numa boa. Garanti a ela que eu seria responsável e, depois de eu prometer mais meio bilhão de coisas, que eu não iria me meter em encrenca e que teria juízo etc, minha mãe deixou.

Fiquei super animado e logo passei uma mensagem para o meu tio falando que eu iria e que era para ele me ligar para combinarmos tudo.

No dia seguinte, recebi uma ligação. Era o André falando que ia passar as informações.

-Oi?

-Oi, tio! Sou eu, o Marcos.

-Ah! Que bom, Marquinhos! Queria realmente ter uma companhia nessa viagem incrível.

-Incrível?

-Sim! Vai ser incrível. Mas seus pais deixaram mesmo?

-Sim, meu pai deixou logo na primeira vez que eu perguntei, nem pensou duas vezes antes de responder. Ele realmente confia em mim. Já com a minha mãe foi diferente, ela quase teve um ataque cardíaco. Mas no final deu tudo certo.

-Ótimo. Sei que vamos curtir essa visita à fábrica abandonada!

-Mas pelo menos você sabe algo sobre esse lugar, tio?

-Sei, sim.

-Desembucha logo.

-Certo. Como eu sou muito prevenido, então pesquisei tudo certinho, e comprei duas passagens para Hi... Hirauza... Hiraza.

-Hiraizumi?

-Isso mesmo. O voo será às 14h, no próximo domingo. Eu te busco na sua casa 11h.

-Espere aí, você já organizou tudo?

-Mas é claro, meu sobrinho preferido.

-Ok, então, até lá, tio!

Desligou na minha cara. Ele sempre fazia isso.

SEGUNDO CAPÍTULO – CONHECENDO A FÁBRICA ABANDONADA

Estava chegando o dia da nossa viagem, e eu não dormi nada na noite de véspera. Não esperava nada diferente de mim, um otaku antissocial que passa o dia todo vendo anime. E ainda por cima estava na maior ansiedade.

Quando meu tio chegou, conversou rapidamente com minha mãe e nós fomos direto para o aeroporto, onde, logo na entrada, eu vi a Fernanda. Nós éramos amigos desde pequenos, e achei estranho ela estar lá. Reconheci de longe a Fê, menina alta, magra, cabelo enrolado com mechas azuis, roupas pretas e fones de ouvido.

-Fê?

-Oi, Marcos!

-O que você está fazendo aqui, Fernanda?!

-Seu tio não te contou? Ele me chamou para ir junto na viagem à fábrica abandonada.

Eu fiquei sem reação. Temia que mais gente na viagem pudesse trazer problemas para nós. Olhei para o meu tio e falei:

-ANDRÉ VANCONCELOS DA SILVA!

-O que houve? Ela não é sua amiga?

-Sim, ela é. Mas me avise da próxima vez.

Assim, fomos nós três para a área de embarque. Seria um voo direto, e eu sabia que a Fê iria falando o tempo inteiro na minha cabeça. Mas isso não importava, porque eu já estava acostumado com ela.

Entramos no avião. Eu me sentei com a Fê do meu lado. Como o voo não tinha fileiras para três pessoas, meu tio ficou duas cadeiras atrás da gente, junto com um cara desconhecido.

A viagem foi bem longa, mas também foi divertida. Eu e Fê fomos conversando o tempo todo, e ela me contou sobre a melhor amiga dela, a tal da Aline, que era uma menina bem mais baixa que ela, sempre usando roupas coloridas e sorrindo. Fê me disse que Aline adorava animes, falava sobre os preferidos dela e que às vezes se estressava com a amiga. Mas, no final das contas, eu até gostei dessa menina, que já assistiu a vários animes que eu também já tinha visto. Então pedi o número dela, porque, caso eu criasse coragem, chamaria Aline para conversarmos sobre alguns animes que já tínhamos visto. Eu também contei para a Fê sobre uma amiga minha, a Mariana. Contei que a Mari era baixinha, com cabelo ondulado e gostava de um anime... agora eu esqueci o nome. Mas tanto a Fê quanto a Mari adoravam esse anime, então achei que seria legal puxar conversa com a Aline a respeito, se um dia eu tivesse oportunidade.

Chegando ao aeroporto, meu tio não parava de falar sobre o tanto que o homem que se sentou do lado dele era legal. Disse que os dois conversaram sobre esportes a viagem toda. Ele estava bem empolgado com essa nova amizade.

Ao sair do avião, fomos comer numa lanchonete dentro da área de desembarque para logo depois ir para fora do aeroporto, pegar um táxi e seguir para o hotel. Era um quarto para ele e outro para a Fê e para mim. Eu estava animado, pois era a primeira vez que ia para um lugar tão longe e diferente

Eu e a Fê sabíamos um pouco de japonês: eu fazia aulas e ela aprendia bastante com os animes. Com isso, conseguimos falar bem com os moradores da cidade, diferentemente do meu tio, que até inventava palavras para tentar se comunicar. Misturar línguas e criar palavras não iria fazer os japoneses entenderem o que ele estava falando, mas pelo menos ele encontrou um jeito de tentar se virar.

Chegamos ao hotel e eu caí na cama, pois estava muito cansado depois de quase 20 horas de voo. Meu tio tinha me dito que iríamos no dia seguinte cedo fazer a primeira expedição, então eu já deixei tudo preparado para ir.

Mas acordei no dia seguinte emburrado, já que tinha sido despertado por uma cantoria insuportável da Fernanda. Ela era totalmente desafinada, e isso me deixava com raiva, mas, como não tinha outro jeito, logo me levantei da cama.

Lavei meu rosto, escovei os dentes e desci para comer, junto com a Fê. Quando saímos do quarto, meu tio começou a zoar de nós dois, falando que namorávamos, mas eu o ignorei e ela disse que já namorava, o que era verdade. Meu tio ficou envergonhado e parou de falar na hora.

Descemos até o refeitório, e eu estava super animado para comer aquelas comidas japonesas loucas de café da manhã que via nos animes. Mas não tinha nada daquilo, eu peguei qualquer coisa que achei com a cara boa e voltei para a mesa. Pelo que parecia, meu tio e a Fê tinham feito a mesma coisa que eu. Comemos, e até que não estava ruim.

Logo depois subimos para os quartos e fomos nos trocar para finalmente ir até o local abandonado, onde houve o desastre. Eu coloquei uma bermuda e uma blusa, arrumei de novo uma mochila com algumas coisas que eu queria levar mesmo sabendo que não iria usar, coloquei meu tênis e nós três seguimos caminho para a fábrica.

Como de costume, sabia que meu tio iria se perder no caminho, então eu, com meu GPS, decidi guiar todos para isso não acontecer. Demoramos uma hora para chegar ao lugar, que era particularmente longe, bem longe para uma caminhada. Sim, caminhada longa não era comigo.

Finalmente avistamos a fábrica e, a aparência, na visão de Fê, era estranha. Mas eu sabia que tipo de coisa iria encontrar ali, tipo ruínas, pedaços de equipamentos, coisas assim, e não me assustei.

Quando fui andar para ver se eu achava a entrada da fábrica, eu me deparei com um robô largado na porta. Não estava tão sujo e era igualzinho um humano. Literalmente igualzinho. Era um robô-menina de cabelos curtos e pintados de rosa claro. Tinha uma marca na roupa com o número quatro, e pelo fato de estar praticamente inteira

sem nenhuma rachadura nem nada, eu achei esquisito, porém ignorei esse fato naquele momento.

Depois de ver aquele robô, eu achei um acesso para dentro da fábrica. Meu tio, a Fê e eu então entramos e fomos atrás de algo interessante. André anotava e pegava tudo de diferente que achava, e a Fernanda tirava foto de qualquer coisa para postar depois. Já eu estava intrigado com aquele androide de cabelo rosa visto antes, pois ele estava inteiro e era idêntico a um humano. Mesmo curioso, deixei o robô um pouco de lado e fui procurar algo mais legal.

Depois de horas vasculhando, voltamos para os quartos do hotel, e a Fê postou tudo do que ela tinha tirado foto. E eu continuava achando estranha a perfeição daquele robô. Pretendia entender mais sobre ele no dia seguinte, já que iríamos voltar lá.

TERCEIRO CAPÍTULO – COMO CONHECEMOS FOUR

Acordei no dia seguinte antes da Fê, pois estava ansioso e decidido a ir ver aquele andróide mais uma vez. Aproveitei que ela ainda estava dormindo, e decidi acordá-la com uma música para me vingar da última vez em que ela me despertou com aquela cantoria desafinada. Quando deram 9h da manhã em ponto, eu comecei a cantar uma música aleatória que veio na minha cabeça.

Mas logo parei de cantar, pois levei uma travesseirada na cara. Estava claro o quanto Fê odiava essa música. Tomei outra travesseirada. Ela me olhou com expressão de raiva e disse:

-Já entendi, Marcos. Agora cala a boca!

Levei outra travesseirada na cara. Belo jeito de acordar, não é mesmo? Eu e a Fê começamos a rir, fomos nos trocar e descer para tomar café. Exatamente como no dia anterior, eu peguei qualquer coisa com a cara boa e comi, e foi isso que eu acho que meu tio e a Fê fizeram também.

Logo depois fomos para a fábrica, e eu fui direto ver aquele robô estranho que ainda estava no mesmo lugar.

Ao chegar onde estava o androide, eu notei que ele realmente era muito real. Tipo muito mesmo! Aquilo não parecia um robô e, sim, uma pessoa de verdade! Comecei a dar uma olhada mais atenta no robô, e ele parecia humano mesmo! Naquele ponto, eu percebi que realmente não era

um robô. Era uma pessoa, uma menina, na verdade, vestida com uma saia que parecia daquelas meninas de torcida organizada. Tinha até o número 4 escrito na saia. Eu levei um susto ainda maior, quando ela abriu os olhos e disse:

-Olá. Quem é você?

Eu entrei em choque e respondi à pergunta da garota gaguejando:

-Meu nome é Marcos. Quem é você?

-Na verdade eu não sei o meu nome.

Naquele primeiro momento, eu disse a ela que estava assustado e curioso, que tinha um monte de dúvidas. Expliquei que estava fazendo pesquisas ali com meu tio e uma amiga e tinha muitas perguntas para fazer. A “sem nome” disse que responderia, então eu comecei:

-Hum, bom, me conte um pouco sobre você.

-Eu não sei o meu nome. Eu sempre morei aqui, mas aí o desastre aconteceu. Depois disso, eu não me lembro de mais nada. E agora eu vivo andando por aí.

-Mas, calma, você é um humano ou um robô?

-Eu sou uma humana. Mas eu tenho poderes que não são humanos e não sei como adquiri. Só sei que tenho.

Percebi que ela não estava sendo muito clara, como se não confiasse em mim. Então eu decidi conversar um pouco mais, falando de outras coisas, para pegar intimidade. Depois de algum tempo, ela começou a contar detalhes sobre si mesma. Nesse exato momento, meu tio e a Fê

chegaram. Eu fiz um sinal de “shh” para eles, tentando mostrar que depois explicaria tudo. E a humana com poderes foi nos contando sua história:

-Como eu já disse, não lembro o meu nome, só lembro que morava aqui antes de tudo explodir. Pelo que eu me recordo, pessoas ruins usavam os meus poderes aqui, me treinavam e coisas assim. Eu tentei fugir inúmeras vezes, mas nunca consegui. A vez em que cheguei mais perto de conseguir escapar foi quando uma pessoa veio me ajudar, mas as outras pessoas, as ruins, pegaram essa que veio ajudar e injetaram uma vacina nela. Ela desmaiou, e eu nunca mais a vi. Essas pessoas não queriam mesmo que eu saísse. Por anos eu fiquei presa aqui. Depois do desastre, não vi mais ninguém e nunca mais tive coragem de sair.

Não sei o porquê, mas senti que a garota estava falando a verdade. Ela me parecia ser confiável, então respondi:

-Nossa, que história trágica. Bom, meu nome é Marcos, e vamos te chamar de Four, já que tem um quatro na sua saia. Venha conosco até o hotel e vá nos dando mais detalhes sobre você.

QUARTO CAPÍTULO – DETALHE IMPORTANTE SOBRE FOUR

Depois de ouvir a história da Four, eu fiquei sinceramente surpreso. Não sabia se, no fundo, eu podia confiar nela, mesmo com a minha intuição dizendo que sim. Ao longo do caminho até nosso hotel ela foi contando detalhes (específicos até demais!) sobre o passado que não pareciam ser mentira. Eu fiquei meio traumatizado com alguns.

Uma das coisas que Four disse e que me deixou intrigado na hora foi que havia uma entrada na fábrica, por onde só os “caras maus” passavam, e que eles não deixavam ninguém mais entrar. Eu achei aquilo muito suspeito, então perguntei:

-Hum... Four, conte mais sobre essa entrada da fábrica.

-Bom, é o seguinte: as pessoas da fábrica não deixavam mais ninguém entrar por lá, nem eu. Diziam que era algo secreto, que iríamos morrer se entrássemos. Na verdade, ninguém nunca tentou entrar por puro medo.

Fiquei muito intrigado com tudo e decidi que ia procurar essa tal entrada no dia seguinte.

Four foi para o quarto conosco. Arrumamos um colchão e começamos a planejar o retorno à fábrica abandonada. Four realmente parecia confiável, mas iríamos provar no dia seguinte se essa história de entrada secreta era mesmo verdade. Quase não dormi aquela noite, mas acordei com

energia suficiente para despertar as meninas com minha cantoria (des)agradável.

Quando eram 8h, cantei uma música que tinha visto num comercial, que não saía mais da minha cabeça. Mal comecei a cantar, e Fê disse:

-Cala a boca, Marcos.

Ela acordou brava comigo. Para variar. Já a Four achou muito estranho tudo aquilo, como se tivesse esquecido sobre os costumes humanos. Pensei que poderia ser uma perda de memória- seria proposital? Então sempre que ela não entendia alguma coisa, nós tínhamos que explicar o que significava.

Logo após esclarecer algumas coisas para Four, tomamos café e seguimos para outro longo dia na fábrica. Chegando lá, Four nos apontou onde ficava o lugar, a tal entrada proibida. Será que esse lugar realmente existia?

Four mostrou uma porta pequena que levava a um lugar muito escuro. Ela foi na frente sem medo daquela escuridão, pois se lembrava de que sempre que a porta se abria o lugar clareava. E, incrível, foi realmente isso que aconteceu! Fê demonstrava medo, já meu tio nem entendia mais o que estava ocorrendo, parecia estar fora de si. Normal.

Eu estava assustado, mas decidimos entrar de qualquer jeito. Meu tio não foi, dizendo que tinha algo importante a fazer em outro ponto da fábrica. Não sei por que, mas, naquela hora lembrei do homem que se sentou ao lado dele no avião... Hum... Decidi ficar atento aos contatos com esse

desconhecido. Mesmo assim, entramos eu, Four e Fê, e a porta se fechou sozinha.

Tentamos, mas não conseguimos mais abrir a porta para nossa saída. Four e Fê estavam com medo que eu, então eu tentei acalmá-las:

-Se acalmem, tudo vai ficar bem. Vamos seguir em frente e ver o que tem por aqui. E meu tio está por perto.

As meninas se acalmaram um pouco e fomos indo mais pra dentro da fábrica. Era um lugar particularmente muito estranho, cheirava mal. O chão estava todo alagado, com prateleiras cheias de coisas quebradas para todo lado. Definitivamente não era muito agradável ficar lá. Apesar disso, seguimos em frente. Ninguém falava nada. Estávamos realmente assustados.

Enquanto estava vendo as coisas das prateleiras junto com a Fê, escutamos Four gritando. Fomos correndo ver o que tinha acontecido e nos deparamos com ela no chão, chorando em frente a uma estrutura na forma humana, que não parecia ser de um robô.

Chegamos perto e ficamos horrorizados. Era um corpo mesmo, uma pessoa morta. Apesar do cheiro forte, o corpo estava até conservado. Estranho.

Four nos disse, aos prantos, que ali estava sua melhor amiga e que há anos não a via. Four nos falou como era a menina, que seu nome era Harley, tinha um cabelo liso, era muito engraçada e conselheira, adorava ajudar os amigos e ficava feliz com isso. Sei que Four estava chateada, eu e Fê

também, fora o susto, mas precisávamos seguir. Ela entendeu, respirou fundo e se despediu de Harley.

Continuamos explorando aquele lugar sinistro e perigoso também. Eu conseguia perceber o nervosismo de Fê. Ela estava estranhamente desesperada, como se já tivesse passado por uma situação ruim como aquela. Parecia que a cada segundo ela ficava mais e mais incomodada de estar ali. E do mesmo jeito que percebi as emoções da Fê, eu percebia as emoções da Four. Ela aparentava estar feliz, como se estivesse gostando da situação. Mesmo sendo um lugar sinistro, parecia que ela gostava de ficar lá. Eu achei isso muito estranho. A cada segundo Four dava um sorriso esquisito, que não parecia uma felicidade pura, e sim, como se ela sentisse prazer ao ver a Fê nervosa. Eu percebi a situação e, com os meus instintos de nerd, já comecei a analisar todas as circunstâncias possíveis. Mas, antes de concluir e agir, decidi esperar um pouco e continuar observando o comportamento das duas.

Já estávamos ali fazia algumas horas. Olhávamos tudo, procurávamos uma saída e parecia que a cada segundo Fê ficava mais desesperada. Eu já estava ficando preocupado com ela. Chegou um momento em que eu decidi que iria tirar todo mundo daquele inferno. Peguei uma prateleira e comecei a bater com ela na porta, que mesmo assim não abriu. Achei que conseguiria quebrar a porta, mas nada. Só depois percebi que aquela porta era de ferro. É difícil abrir algo assim, a não ser com a chave. Nessa hora eu pensei e disse:

-Fê, me empresta esse seu grampo de cabelo.

Ela me deu o grampo, e, depois de alguns minutos tentando aplicar técnicas que eu via nos filmes, eu consegui!

Não tínhamos ideia de quem tinha fechado a porta, do que queriam com a gente ou algo assim. Mas combinamos de manter isso em segredo, pois sabíamos que o tio André iria surtar ou causar algum problema se soubesse que ficamos presos, vimos um corpo e outras coisas. Como eu já disse, ele é meio doido da cabeça, distraído demais, mas, no fundo, se preocupa muito com a gente.

Quando voltamos para o hotel, continuei pensando sobre as emoções de Four e Fê, quando estávamos presos. Fiquei imaginando tudo que era possível haver entre as duas, se elas teriam alguma ligação ou algo parecido, mas cheguei à conclusão de que não tinha provas suficientes para declarar nada, pelo menos por enquanto. Então eu fui dormir, pois logo no dia seguinte eu iria voltar para aquela fábrica com as meninas.

Acordamos cedo no dia seguinte. As meninas estavam muito estranhas. Eu não sei se houve algo entre elas, enquanto eu dormia, mas parecia que Four estava causando medo na Fê. Não sei exatamente como explicar, mas as expressões faciais da Fê demonstravam isso. Ela sentia medo ao olhar para a Four. Elas podiam ter tido alguma conversa de noite ou algo assim. Eu fiquei mais atento a elas e comecei a pensar sobre várias teorias.

Fomos para a fábrica de novo. Enquanto andávamos, conversando e rindo, parecia que a felicidade das duas era falsa. Elas não sorriam de verdade. Parecia que Fê estava com medo de Four, e Four sentindo prazer ao ver que estava causando medo em alguém. A cada segundo o clima piorava, e eu já tinha notado que Fê percebia que eu estava de olho. Será que ela escondia alguma coisa? Era como se ela carregasse um fardo.

Ao chegar no mesmo lugar em que ficamos presos no dia anterior, decidimos colocar um pedaço de madeira para a porta não fechar e podermos investigar tudo com segurança. Além daquele lugar estranho, ainda tinha o caso da Fê e da Four. Eu estava muito intrigado com aquilo. Decidi que ia ficar acordado na próxima noite para ver se elas falavam de alguma coisa.

Enquanto procurávamos por mais coisas interessantes, o clima ia ficando cada vez mais pesado entre nós. Eu tentava ignorar aquilo, mesmo sendo difícil.

Depois de alguns minutos procurando, eu encontrei uma porta em um lugar muito escuro, tão escuro que nem dava para ver direito que ali havia uma porta. Na mesma hora, chamei Fê e Four.

Mesmo com medo, abrimos a porta, e lá dentro tinha um homem. Era um homem muito estranho. Eu estava muito assustado, assim como as meninas. Dessa vez o susto era real. O que um homem estava fazendo ali?! Ninguém sabia. O homem, que estava de costas para nós, virou a cadeira em

que estava sentado para ver quem tinha entrado na sala. Ele tinha um olhar maligno, um sorriso que me deixava desconfortável e uma aparência péssima. Ele fixou seus olhos em Four, como se a conhecesse. O homem estranho disse:

-Olá, minha amiga. Faz tempo que não nos vemos, certo?

Nessa hora, eu arregalei os olhos e gelei de tanto medo e desespero. E fiquei pensando como aquele homem conhecia a Four. Antes de fugirmos, ele começou a falar:

-Vejo que encontrou novos amigos, não é La...

O homem parou de falar. Ele provavelmente começou a falar o nome verdadeiro de Four, mas parou no meio da frase. Estranho. Mas logo depois do incidente ele voltou a falar:

-Não te vejo aqui faz tempo, docinho. Não acabamos de treinar os seus poderes, não é?

Four parecia brava. Acho que se sentiu desconfortável com a forma como o homem se referia a ela. Nesse momento, eu tomei outro susto, porque simplesmente uma prateleira começou a voar. Ao analisar a situação, vi que era como se Four estivesse movendo o objeto com a mente. Bem que o homem citou poderes, não é? Eu estava surpreso. Enquanto Four levantava a prateleira, seu olho esquerdo sangrava. Ela tampou o olho que estava sangrando. O outro olho também começou a sangrar enquanto Four rodava a prateleira e batia no homem com ela. Nessa hora, eu deduzi que um olho erguia a coisa, e o outro movia a coisa. Achei fascinante, mesmo estando com muito medo e preocupado

com aquele sangue. Fê entrou em pânico. Ela não estava acreditando no que via. Uma prateleira voando e uma menina com os olhos sangrando.

O homem segurou a prateleira de Four “com a mente” também. Será que todos por aqui tinham poderes? Eu estava cada vez mais em pânico e surpreso, mas continuei olhando a situação. O homem parecia ter acalmado um pouco Four e continuou falando:

-Como eu estava dizendo, você arrumou novos amigos. Como podem olhar em seus olhos mesmo sabendo a verdade sobre você? Ou eles não sabem?

A história que Four tinha nos contado já não era tão surpreendente como a que o homem queria contar. Ele tampou a boca de Four e disse:

-Essa menina é um demônio. Ela que causou a explosão na fábrica, não é, La...

Ele citando o nome real de Four mais uma vez.

-Como vocês a chamam? Ok, não interessa. Essa menina causou a explosão na fábrica. Foi ela que explodiu tudo!

Fiquei muito surpreso. Quem seria ela? O que ela tinha feito? Qual era a relação de Four com Fê? Eu tinha que descobrir tudo.

Fê ficou muito brava com Four, na hora em que o homem falou da explosão. Acho que se sentiu traída, então eu até entendo o lado dela. Fê começou a gritar de raiva, e olhando bem no fundo dos olhos disse para Four que ela traiu a

nossa confiança. E eu até concordo. Eu também fiquei chateado por ela ter escondido de nós um detalhe tão importante.

Quando olhei para a Four, ela estava indignada, como se tivesse sido acusada injustamente. Então eu parei para pensar se ela estava mentindo, fazendo aquela expressão de injustiçada, ou se ela realmente não lembrava que tinha explodido tudo. Four podia ter perdido a memória. Eu não achava difícil isso ter acontecido, pois nem seu nome real ela sabia. Mas independente de tudo, Fê e eu ficamos decepcionados e nesse dia voltamos para o hotel sozinhos.

QUINTO CAPÍTULO – FINALMENTE EU SEI A VERDADE

Ficamos um tempo sem voltar à fábrica, conhecendo outras regiões com meu tio que nem imaginava os detalhes das visitas naquela antiga fábrica de androides. Mas não dava para esquecer o que tínhamos vivido. Eu estava muito intrigado com a verdade sobre Four. Também continuava suspeitando que Fê já a conhecia. Mas como? Sua expressão facial demonstrava surpresa e decepção, mas eu ainda tinha as minhas dúvidas se o que Fê demonstrou foi o que realmente sentiu. Eu precisava falar com ela sobre isso, para ver se minha amiga sabia de alguma coisa, mas eu decidi procurar provas ou algo que comprovasse alguma coisa primeiro.

Eu fui à fábrica sozinho. Avisei para Fê que iria comer alguma coisa, mas fui ver a Four. Eu decidi falar com ela primeiro para ver se Four me passava informações concretas e que poderiam ser confirmadas. Eu não sabia se podia confiar nela, mas tinha que começar a tirar minhas dúvidas de algum lugar.

Quando eu cheguei à fábrica, Four estava lá. Ela me olhou com uma cara estranha. Eu não sei o que ela sentia para estar com aquela expressão facial, mas era estranha. Eu cheguei perto e pedi desculpas por ter a deixado lá e sumido por alguns dias, o que ela entendeu estranhamente bem. Não é normal você abandonar alguém e a pessoa entender.

Comecei a pensar que Four tinha me contado a história sobre ela com muita facilidade. Em nenhum momento ela hesitou em falar. Contou tudo o que eu perguntei. Isso era muito estranho, porque eu era tecnicamente um desconhecido e Four estava se abrindo para mim. Eu guardei essa informação para mais tarde e comecei a falar com ela:

-Four, eu preciso que você me fale a verdade.

Four estava feliz em me ver, mas logo percebeu que eu estava falando com seriedade e então disse:

-Eu não me lembro de ter explodido nada. Eu devo ter perdido a memória.

Eu conversei um pouco mais com ela, mas nada que me disse foi importante ou coerente na minha “missão da verdade”. Sim, eu dei um nome para a minha missão.

Até esse momento, eu estava muito confuso, porque as poucas informações que tinha não se encaixavam. Achei melhor tentar ligar as informações e raciocinar um pouco melhor sobre tudo aquilo.

Voltei ao hotel, sentei-me na cama e comecei a pensar em todas as possibilidades. Havia algo errado com essa história. Eu tinha que descobrir a verdade. Four disse que não sabia seu nome e que tinha perdido a memória. Ela parecia ter uma ligação estranha com a Fê, que ficava assustada e incomodada perto de Four. Tinha algo errado que não se encaixava entre as duas e ainda tinha aquele homem que afirmou que a destruição da fábrica foi causada por Four.

Percebi que não tinha como chegar a lugar nenhum sem provas, então eu decidi que no dia seguinte ia conversar com Fê.

Logo quando acordei, disse para ela que precisávamos conversar. Sentei-me do lado de Fê e pedi:

-Fê, me conte a verdade. Eu sei que há alguma coisa por trás de tudo que está acontecendo. E você parece saber.

Fê ficou assustada. Ela demonstrava receio, como se não soubesse que eu já tinha percebido o clima entre ela e Four. E dava para perceber em sua expressão que Fê sabia de alguma coisa.

-Marcos, me desculpe. Eu queria ter contado a verdade antes, mas não fui capaz.

Eu fiquei assustado. O que ela estava escondendo de mim?

-Lembra que ano passado eu lhe disse que iria para os Estados Unidos fazer um intercâmbio? Na verdade, eu vim para este lugar e acabei investigando a fábrica. Eu já tinha visto Four por aqui. Também vi vários homens estranhos que trabalhavam nesse lugar, mesmo estando tudo destruído.

Eu não sabia o que pensar. Queria que Fê me contasse detalhes, mas estava decepcionado por ela ter escondido tanta coisa de mim.

-O que você veio fazer num lugar desses, Fernanda?

-Eu recebi uma proposta de trabalho e estudo. Eles disseram para minha família que eu iria ganhar bem e que seria um trabalho divertido, enquanto eu aprendia japonês.

-Fernanda, no ano passado você tinha 15 anos.

- Mas não pude recusar. Na verdade, eu nem sei o motivo de eu ter aceitado essa proposta louca.

-Me conte mais sobre o que você viu.

-Bom, eu não conheci muitas coisas. Mas lá era uma fábrica meio louca, cheia de trabalhadores estranhos que pareciam psicopatas. E a coisa que mais me marcou foi que, quando algum robô ou humano...

-Espera aí! Também tinham humanos entre os robôs?

-Sim, tinha. Eram humanos com superpoderes, e, pelo o que eu sei, os homens que trabalhavam lá faziam alguma coisa para dar poderes a esses humanos para que eles fossem máquinas com muita inteligência e muita força, como os robôs que fabricavam. Quando algum robô ou humano fazia algo errado, eles jogavam água. Água normal, que a gente bebe. Parece um tipo de fraqueza deles.

Essa fábrica tinha muito mais do que eu imaginava. Além de robôs, havia humanos com superpoderes!

Fê continuou:

-Eu não sei muito mais a respeito, mas eu acho que amanhã mesmo deveríamos procurar evidências de algo muito perigoso que ocorre lá na fábrica.

Concordei com a Fê e fui dormir assustado e muito curioso. Eu não imaginava nada disso de água, poderes etc e estava realmente em choque com tudo que ela havia me falado.

SEXTO CAPÍTULO – AS CARTAS E O CHEFE PAUL

No dia seguinte, Fê e eu fomos para a fábrica mais uma vez. Ao deixar o hotel, vi que meu tio estava saindo acompanhado daquele homem do avião. Estou de olho nesse cara!

Eu queria encontrar mais alguma coisa na fábrica, como um registro escrito ou algo parecido, que nos ajudasse a entender melhor o que aconteceu na explosão e também depois, mas, na verdade, tinha pouca esperança de achar.

Chegando lá, Four nos viu. Ela estava muito assustada. Eu não estava entendendo nada e Fê também não, mas Four parecia mesmo apavorada. Depois de fazer um sinal de “shh” e nos sinalizar uma direção, ela correu conosco para trás de uma moita. Em seguida, passaram dois homens por nós, homens muito estranhos que tinham caras de psicopatas. Quando eles foram embora, Four correu conosco para dentro da fábrica, e aí nos trancamos em uma sala.

-Four, o que está acontecendo? Por que nos puxou até aqui?

-Calma, Marcos. Esses homens trabalham aqui e já sabem que estou rondando a região com vocês, que vocês têm vindo às vezes até aqui. Esses homens são malvados e eles provavelmente já sabem que vocês chegaram.

Logo depois que Four disse isso, ouvimos uma porta batendo. Era a porta de entrada da fábrica. Fomos conferir se estávamos trancados. Sim, estávamos. De novo. Four

disse que não havia como abrir a porta a não ser com a chave interna, então começamos a procurá-la desesperadamente. Olhamos prateleiras, baús e caixas e, mesmo assim, não encontramos nada.

Eu estava procurando a maldita chave, até que encontrei uma carta meio molhada dentro de um baú. Achei curioso o fato de haver uma carta lá e logo comecei a ler o registro naquele papel.

“É o meu terceiro ano nessa fábrica. Eu não sei quando vou sair daqui. Mais uma vez, hoje eu tentei fugir e jogaram água em mim. Eu preciso arrumar um jeito de tirar todos daqui. Ontem éramos 49, hoje somos 31. Eu não sei para onde vão todos os humanos com superpoderes daqui, mas eu sei que estou cansado de ser treinado todos os dias. Eu nem sei para que vou usar esses poderes, eu só quero sair daqui!”

A carta me deixou intrigado. Fui levar o papel para Four e Fê verem. Ambas perceberam que a carta não estava finalizada. Eu deduzi que havia outra carta que a completava, então decidimos procurar dentro de caixas e prateleiras mais uma vez.

Four então me chamou e disse que tinha achado uma segunda carta. Fui logo ler para ver se era coerente com a primeira.

“Eu li a carta do 0228 e vi que não estava finalizada. Por falar nisso, eu não o vejo desde semana passada. Acho que ele sumiu, exatamente como todos os dias acontece por

aqui. Eu espero que alguém leia esta carta e descubra a verdade sobre este lugar e, se possível, salve todos daqui. Essa fábrica não é uma fábrica de androides e, sim, um lugar que faz experiências com humanos, dando a eles superpoderes. Não é legal, todos os dias humanos morrem e são machucados com água por aqui. Eu quero fugir deste lugar."

Eu fiquei ainda mais assustado, exatamente como Four e Fê. Aquele lugar tinha uma história terrível. Pelo o que os meus instintos de nerd diziam, a memória de Four tinha sido apagada, pois provavelmente ela sabia disso tudo e muito mais. Havia chances de humanos com superpoderes ainda estarem presos na fábrica. Eu estava aterrorizado.

Já sabíamos que este lugar era muito estranho, com trabalhadores psicopatas e esquisitos, mas eu ainda estava intrigado com o que tinha acontecido entre Four e Fê, então resolvi ir direito ao assunto e logo falei:

-Me expliquem o que há entre vocês. Eu sei que há alguma coisa.

Fê e Four trocaram olhares. Logo depois, Four iniciou a história:

-Fernanda foi obrigada a me punir. Obrigaram que ela jogasse água em mim. Ela - mesmo chorando - fez isso.

-Além do que Four disse, eu também fui punida, sem nenhum motivo. Nós duas fomos trancadas em um quarto e passamos dias sem comer.

Hum, apenas isso para aqueles olhares estranhos de antes? Será? Por enquanto, tudo bem, pelo menos algumas dúvidas pareciam esclarecidas.

Voltamos a procurar coisas, mas ouvimos de novo vozes dos trabalhadores. Nos escondemos imediatamente. Quando os homens passaram por nós, meu coração gelou e eu quase parei de respirar. Sou meio desesperado, mas acho que isso não foi um problema. Os homens passaram reto, e continuamos a procurar pistas ou mesmo pessoas.

Passamos horas rodando e rodando a fábrica, mas não achamos mais nada. Eu continuava intrigado com tudo. Decidimos descer umas escadas que havia perto de uma mesa, para ver o que havia em outro andar. Quando descemos, eu tive um pressentimento ruim. Então ouvimos vozes, como se alguém estivesse conversando. Não eram vozes adultas, eram vozes infantis, e, quando olhamos rápido para confirmar, vimos que eram realmente crianças. Eu e meu instinto de nerd deduzimos que eram iguais a Four.

Descemos as escadas e as crianças nos viram. Eram uma menina, de cabelo longo, cacheado e preto e um menino, de cabelos pretos também. Eles não demonstraram medo ou algo assim. Viram Four e sorriram, o que me levou a pensar que eles se conheciam. Mas Four não estava entendendo o que acontecia, o que parecia mais um indício de que ela tinha mesmo perdido a memória. Fê e eu também não estávamos compreendendo. Fê perguntou para as crianças:

-Como vocês se chamam? O que vocês estão fazendo aqui?

As crianças olharam para Fê e responderam:

-Meu nome é Luna e esse é meu amigo, o Romeu. Nós sempre moramos aqui. Eles dizem que somos muito felizes aqui e que não precisamos sair. Ah, aquela menina escondida ali no fundo é a Nina. Ela não gosta muito de interagir. Pode sair daí, Nina.

As crianças pareciam ter uns sete anos, eram muito pequenas e facilmente manipuláveis. Estava claro que elas não sabiam a gravidade da situação, que estavam sendo usadas. Provavelmente elas tinham poderes também. Logo depois de Luna responder a perguntas de Fê, Nina falou:

-Como dizem que somos felizes aqui e que se sairmos vamos morrer, nós nunca arriscamos a fazer nada de errado. Nós tínhamos uma amiga, a Bella, mas ela tentou fugir uma vez e nunca mais voltou. Romeu viu que estavam jogando água nela e depois parece que ela morreu. Mas não sabemos ao certo o que aconteceu.

Isso explicaria o fim da amiga da Four? Eu estava, sinceramente, com medo. Não sabia como reagir e muito menos se eu deveria reagir. Decidi ficar quieto e continuar só ouvindo e observando.

Depois que as crianças pararam de falar, decidimos sair daquele lugar. Estávamos intrigados com a história dessa fábrica e com mistérios sobre Four e as outras crianças. Mas eu sentia que estávamos próximos de descobrir a verdade.

Voltamos para a sala principal da fábrica, pegamos as cartas que havíamos deixado lá e fomos para o cômodo do lado. Lá não achamos nada, a não ser uma folha meio rasgada, com partes faltando e outras molhadas. Tentamos juntar as partes do que parecia ser mais uma carta, mas não conseguimos.

Já estava escurecendo. Não tínhamos conseguido abrir a porta, então resolvemos descansar um pouco em uma sala escondida e depois tentar mais uma vez sair de lá.

Eu obviamente não consegui nem cochilar, diferente de Fernanda que dormiu igual a uma pedra e Four que apagou na hora também. Já que eu estava acordado, decidi de novo procurar algo, alguma prova ou coisa do tipo na sala bem ao lado da nossa. Saí do quarto em que estávamos com muita cautela e entrei no outro, onde havia coisas estranhas, como uma boneca e mais uma carta. Fiquei feliz ao encontrar outro registro que logo tirei da prateleira. Voltei para o quarto onde Four e Fê estavam dormindo. Sentei-me no chão, abri a carta e comecei a ler com a ajuda de uma lanterna:

“0228 e 0348 já escreveram seus registros e eu nunca mais os vi. Parece que a cada carta, a pessoa que a escreveu some! Isso é estranho. Bom, eu não sei muito bem o que falar sobre esse lugar, mas hoje chegou uma nova menina aqui. Ela é bonita e tem cabelos curtos e rosados. Usa uma saia com o número quatro e acho que também vão dar superpoderes para ela. Tomara que tudo corra bem.”

A menina descrita na carta tinha estranhamente a mesma aparência que Four. Acredito que no dia em que essa carta foi escrita, Four chegou nesse lugar. Pena que não havia uma data. Por outro lado, agora eu sabia que as pessoas da fábrica sempre escreviam cartas com esperança de que no futuro alguém fosse ler e descobrir coisas sobre aquele lugar misterioso. Mas parecia também que todos que escreviam cartas desapareciam em seguida. Isso era muito suspeito.

Já que eu não tinha nada para fazer e também não conseguia dormir, decidi procurar em outras salas alguma carta que completasse as anteriores.

Eu estava com muita esperança de achar alguma coisa nova, porém, mesmo eu olhando tudo- caixas, baús, prateleiras e tudo mais, eu não encontrei nada na primeira sala. Mas isso não tirou meu otimismo e eu fui vasculhar outra mais à frente.

Quando estava nela, eu me deparei com uma porta grande aos fundos e resolvi entrar. Dentro deste novo cômodo, havia um computador que estava ligado e aberto em uma página com várias coisas escritas, como se alguém tivesse saído de lá há pouco tempo. Mesmo com medo de ser pego lendo os registros, resolvi arriscar. Estava escrito assim:

‘’Ninguém foge faz dois dias, e acho que estamos controlando a situação, chefe. As crianças de números 1823, 1772 e 1582 estão no mesmo lugar de sempre. Recebi um retorno do senhor Ronald, ele avisou que a experiência número 82 já foi testada e está funcionando. Ela

é capaz de dar poderes para as crianças e é muito eficaz. Porém, a criança que consumir a substância tende a morrer ou ter uma doença grave em aproximadamente uma semana. Estamos tentando aumentar esse prazo. Assim que possível, chefe Paul, trarei mais informações."

Pelo o que entendi, essa tal substância era capaz de dar poderes às crianças, porém era prejudicial a elas também. Que horror! Me lembrei da segunda carta que achamos e dizia que uma criança não era vista havia uma semana. Pensei: era capaz de terem injetado essa tal substância e ela ter morrido. Não parecia difícil de ter acontecido. Outra coisa que eu percebi é que o chefe dessa organização deveria ser esse tal de Paul, que provavelmente não ficava na fábrica, pois, se estivesse, a pessoa que não teria escrito uma mensagem e, sim, falado com ele pessoalmente, claro. Acho que essa foi uma boa observação.

SÉTIMO CAPÍTULO – O INÍCIO DE UM ENIGMA

Quando eu voltei, as meninas já estavam acordadas. Decidi relatar a elas tudo que eu tinha descoberto. Contei sobre o que dizia a nova carta e sobre o registro que achei no computador. Fê e Four concordaram comigo que o chefe disso tudo poderia não estar lá, então, provavelmente teríamos que sair deste lugar para achá-lo, se quiséssemos entender o que estava acontecendo.

Estávamos começando a juntar os fatos e já percebíamos a gravidade da situação. Muitas crianças eram torturadas e morriam ali, punidas ou nos testes. Precisávamos achar um jeito de tirar todos daquele inferno, mas, para isso, era necessário procurar mais informações sobre tudo na fábrica, sobre os experimentos, sobre as crianças e sobre onde o chefe estaria. Estávamos decididos a bolar um plano e tirar todos de lá.

Fomos procurar mais crianças pela fábrica. Além da Four, já sabíamos que havia três, Nina, Romeu e Luna, mas eu ainda achava que mais crianças estavam perdidas naquele prédio. Resolvemos nos dividir, mesmo sendo arriscado. Eu fui por um corredor, Four para outro e Fernanda para um ainda mais à frente. Combinamos de usar papéis para anotar tudo de anormal que víssemos. Então seguimos em frente.

O caminho que eu segui era estranho, escuro e tinha um cheiro ruim. O chão estava úmido, mais do que nas outras salas. Enquanto eu seguia em frente, ouvi vozes. Achei que

fossem vozes dos trabalhadores psicopatas, mas eram vozes infantis, então por um lado me tranquilizei, mas por outro me liguei ainda mais. Segui uma voz fina, que parecia de uma menina, e dei de cara com uma garota que parecia ter uns 5 anos. Logo quando a vi, perguntei:

-Olá, menininha. Quem é você? E o que você faz por aqui?

A menina me olhou, sorriu e logo depois respondeu:

-Oi! Meu nome é Diana e eu moro aqui.

Durante a conversa, procurei falar com naturalidade para que aquela menininha não se assustasse e ainda me falasse algumas coisas que eu ainda não sabia. Continuei:

-Você mora aqui? Que legal! Mas por acaso você tem amigos morando aqui também?

-Sim, eu tenho. Nós somos doze crianças, somos todos amigos e nos tratamos como família!

-Que legal! Quais são os nomes dos seus amigos, Diana?

-Bom, somos eu, o Romeu, a Nina, a Luna, a Nath, o Theo, a Eleonor, o Victor, o Michael, o Eduardo, a Lilian e a Amanda. Somos todos amigos desde pequenos e sempre moramos juntos!

-Hum, entendi.

-Você vai morar com a gente?

-Na verdade, não. Eu só vim conhecer vocês mesmo!

-Que legal!

-Mas não conte às outras crianças que eu estou aqui! É uma surpresa!

Diana foi embora, e eu tinha novas informações. Havia mais crianças ali do que a gente pensava. Anotei tudo e estava confiante em ter conseguido manipular a menina para ela não contar para algum trabalhador que tinha me visto. Me senti um completo idiota por fazer isso, mas era necessário. Eu precisava tentar manter nossa segurança.

Voltando para nosso ponto de partida, encontrei Four com uma carta que ela logo me mostrou:

-Marcos, venha ver o que eu achei!

A carta dizia o seguinte:

“Eu sempre achei estranho nunca nos falarem onde o Paul está, mas eu sei que ele não está aqui em casa. Eu sempre li as cartas das crianças que saíam daqui e, em uma delas, tinha relato de que quem escrevia cartas morria. E realmente todas as pessoas que escreveram cartas não estão mais aqui. Isso me dá medo, mas eu vou arriscar. Vou contar um pouco sobre o que eu sei desse lugar. O que acontece de mais grave é que todas as crianças que são chamadas pelo Ronald voltam estranhas e com um curativo no braço. Eu acho que elas tomam alguma injeção que as deixam diferentes. Eu nunca quero tomar essa injeção. Outra coisa que eu reparei é que, depois de uma semana que voltam da sala do Ronald, a criança some. Eu acho que ela morre ou sai desse lugar, eu não sei ao certo. Dá medo. ”

Essa carta confirmava tudo que eu tinha lido no computador. Eu começava a acreditar que corríamos risco ali.

Já a Fê voltou triste, sem nada nas mãos, mas logo se animou com as nossas novidades. Eu passei todas as informações que consegui e juntos chegamos à conclusão de que o chefe daquilo tudo não estava mesmo ali e que havia uma experiência química nessa injeção que aplicavam nas crianças. Essa injeção dava poderes, porém provavelmente afetava a saúde e poderia até matar também. Tínhamos que parar o uso dessa substância, pois, a cada dia, mais e mais crianças corriam risco de vida. Tínhamos que evitar isso.

Four deu a ideia de a gente bolar ali mesmo um plano para tirar todos daquele lugar, mas logo que ela começou a falar passaram dois homens conversando. Um deles era familiar. Logo que ele chegou mais perto, percebi que era o homem que nos disse que Four tinha causado toda a destruição. Paramos de falar para não sermos ouvidos e ainda conseguir escutar a conversa dos dois:

-Sabe aquela menina que fica rondando aqui? A dos cabelos rosados? Ela ainda tem poderes e não está morta. Ela foi a primeira pessoa que não morreu uma semana depois de termos injetado as substâncias 82 e 72.

-Eita, essa eu não sabia. A 82 é a dos poderes, certo?

-Me desculpe, esqueci que você é novo aqui. A 82 dá poderes a quem recebe e a 72 tira a memória.

Ficamos surpresos e ao mesmo tempo felizes por termos conseguido mais informações. Estávamos mais certos de

que, no final de contas, tínhamos que fazer duas coisas: tirar todas as doze crianças de lá e acabar com as injeções dessas substâncias.

Não sabíamos onde esses produtos estavam, mas tínhamos suspeitas que ficavam junto com Paul, o provável chefe da organização. Onde ele estaria? E quem é esse tal de Paul? Tínhamos muitas perguntas, mas achei que podíamos começar a desvendar esses enigmas procurando algum endereço de onde Paul estaria.

Decidimos procurar registros em computadores, alguma mensagem que seria enviada ao chefe e que poderia nos dar alguma informação nova, uma pista importante. Também tentamos achar alguma nova carta escrita, onde provavelmente haveria um endereço.

Começamos a nova busca por aqueles corredores, agora já mais conhecidos por nós. Four seguiu para a direita, eu para a esquerda e Fê pelo meio. Eu não tinha esperanças de achar cartas com endereços escritos, pois acredito que as pessoas dali fossem muito cautelosas e não exporiam esse tipo de informação.

No meio do caminho, percebi que já era tarde, e todos nós estávamos há muito tempo sem comer. Eu não tinha trazido nada para comer e tentei ignorar a imensa fome que estava sentindo.

Andei por vários e vários corredores e não tinha encontrado nada, até que eu vi uma frase escrita na parede:

“Quarto 19872. Prateleira 8. Carta Y79-LL8.”

Achei aquilo muito confuso, mas não desconsiderei. Anotei o que eu vi e decidi voltar para o ponto de encontro.

Quando cheguei onde marcamos de nos encontrar, Four já havia chegado e parecia ter conseguido alguma informação. Me aproximei dela e falei:

-Four, você encontrou alguma coisa?

-Sim, eu encontrei. Mas o que é este papel no seu bolso?

-Ah, sim. Eu anotei algo que vi escrito na parede, é uma mensagem muito confusa, mas acho que você é capaz de entender.

-Na parede?! Eu conheço bem isso. Eu sempre via os trabalhadores daqui escrevendo coisas na parede. Pelo o que eu sei, são para orientar os novatos. São todos bem cautelosos por aqui.

Four pegou a mensagem do meu bolso e começou a ler. Na mesma hora, ela arregalou os olhos e disse:

-Percebeu que em cada sala tem um número na porta? Então, eu encontrei essa carta dentro do quarto onde você achou esse escrito na parede. O quarto 19872.

Four tirou um papel de dentro da roupa para mostrar que tinha achado algo interessante também.

-Hum, curioso. Parece um tipo de enigma.

-Como eu disse, as pessoas daqui são muito cautelosas quando o assunto é guardar informações. Eu não duvido nada que isso seja um enigma.

Quando estávamos conversando, Fê chegou correndo e disse que tinha achado uma carta. Explicamos a teoria de que aquilo tudo podia ser um enigma e então, ao mesmo tempo, mostramos os três papéis que tínhamos encontrado:

“Quarto 19872. Prateleira 8. Carta Y79-LL8.”

“Quarto 35284. Caixa 2. Mensagem HS7-8S2.”

“Quarto 12374. Teto canto 3.”

As mensagens eram, respectivamente, minha, da Four e da Fê. Ao bater o olho, percebemos que elas se completavam. O lugar onde eu achei a minha mensagem escrita na parede tinha a indicação para o quarto onde Four encontrou a mensagem dela. A mensagem de Four indicava o quarto onde Fê encontrou a outra carta.

Ficamos curiosos com a situação, mas sabíamos que no nosso estado atual não podíamos continuar fazendo nada. Estávamos muito cansados e com fome e não havia nada para comer. Eu já estava sem esperanças, até que Four disse:

-Hum, gente, eu conheço uma pessoa que trabalha aqui que é confiável. Ela finge estar sob o efeito da “droga”, mas ela não está. Acredito que possa nos dar algo para comer.

Ficamos felizes e acompanhamos Four. Chegamos em uma sala onde havia uma menina de cabelos claros, ondulados e baixinha. Seu nome era Lara.

Ao entrarmos, Lara ficou feliz ao rever Four, que também estava feliz com o reencontro. Todos estávamos mortos de

fome, então nem esperamos e Fê disse logo:

-Me desculpe por ser um pouco rude, mas você tem algo para nós comermos? Estamos aqui desde cedo sem comer nada.

Lara respondeu, gaguejando:

-Hum...Ahn... Sim, eu posso ajudar. Venham comigo.

A garota parecia tímida, ela falava olhando para baixo, fazendo um movimento estranho com os dedos e gaguejava. Ela realmente parecia ser mais antissocial que eu.

Lara nos levou até um quarto ao lado, onde finalmente encontramos comida. Eu fiquei extremamente feliz por ter alimento, depois de tantas horas de barriga vazia, mas também tinha sono e me sentia sem muita energia para continuar seguindo o enigma. Enfim, como estávamos todos cansados, decidimos descansar, já que Lara nos ofereceu um canto do quarto dela. Continuaríamos depois as nossas buscas.

OITAVO CAPÍTULO – UMA DESCOBERTA IMPORTANTE

Acordei no dia seguinte descansado, mas intrigado com uma coisa: meu tio. Onde meu tio estaria? Será que estava preocupado ou algo assim? Não sabia, na verdade. Pensei: “aposto que anda se encontrando com aquele homem que conheceu no avião.”

Enquanto filosofava sobre meu tio, Fê acordou e começamos a conversar. Depois de alguns minutos, Four acordou também e decidimos falar sobre o nosso plano do dia. Tínhamos que continuar decifrando e seguindo aquele enigma para ver se iríamos chegar a algum lugar e até, quem sabe, no endereço do tal de Paul.

Pegamos as pistas que tínhamos e olhamos a próxima: “Quarto 12374. Teto canto 3.”. Essa era a mensagem que Fê tinha encontrado. Procuramos Lara para agradecer por tudo e depois seguimos em frente.

Four sabia melhor que todos onde ficava cada quarto, então começou a nos ensinar como olhar os números:

-Por exemplo, o número da sala é 12374. O primeiro dígito mostra o andar do quarto, que, no caso, é o primeiro andar. O segundo e o terceiro mostram o número do corredor. O quarto e o quinto mostram o número da sala.

Seguimos para o primeiro andar e, ao chegarmos, vimos na hora que todos os corredores eram numerados, assim como as salas. Procuramos o corredor com o número 23 e nele buscamos a sala 74. Não demoramos muito para encontrar,

porque este andar não era muito grande. Entramos no quarto em busca da tal mensagem, mas antes olhamos a pista mais uma vez para ter certeza de onde ficava. Fê pegou o papel e leu:

-Aqui diz “teto canto 3”, é diferente do de vocês. O que seria teto canto 3?

Imediatamente olhamos para Four. Ela estava com o olhar fixado em um dos cantos do teto e eu deduzi que, enquanto discutíamos e analisávamos a situação, ela estava vendo qual era o canto 3 do teto. Era o que mais fazia sentido naquele momento.

Four e eu notamos que todos os cantos do teto tinham um texto diferente, mas precisávamos saber qual era o certo. Mas como iríamos saber qual era o canto 3? Deveria ter algo indicando qual era o terceiro canto.

Four estava quieta, provavelmente raciocinando sobre essa dúvida. Depois de alguns minutos sem falar nada, ela disse:

-Reparem que em todos os cantos da sala tem objetos. Nesse aqui vemos uma prateleira, no outro vemos duas caixas, nesse vemos três barris e no último vemos quatro pregos na parede. Conseguiram entender?

Nós três trocamos olhares de felicidade e fomos direto no canto com três barris. Copiamos a mensagem que estava escrita no teto. Ela dizia o seguinte:

“Quarto 29426. Canto 1 dobrado. Chão.”

Mesmo estando um pouco cansados de procurar as coisas aqui e lá, decidimos continuar sem pausa a nossa busca pelas mensagens. E já tínhamos a próxima. Ela parecia ser um pouco diferente das outras e aparentemente mais difícil de resolver também, mas isso não ia nos desanimar. Então, logo seguimos Four até o andar certo.

Chegamos ao segundo andar e procuramos o corredor 94, sala 26. Esse foi um pouco mais difícil de achar, já que eu me perdi no caminho, distraído em busca de novas pistas, e tive que suar para encontrar as meninas depois. Mas tudo bem, o que importa é que fomos todos para a sala certa agora.

Analisamos mais uma vez aquela mensagem estranha:

“Quarto 29426. Canto 1 dobrado. Chão.”

Decidimos ir por partes. Já estávamos no quarto certo, então faltavam mais duas partes da mensagem. Imediatamente vimos que a pista certa estava no chão, como dizia no bilhete, mas não sabíamos o que significava “canto 1 dobrado”.

Naquela sala também havia sinais e mensagens em todos os cantos. Se a gente errasse, ferrou! Mas ainda não tínhamos ideia do que significava “dobrado”. Eu tentava raciocinar, até que Fê disse:

-Como podemos notar, estas mensagens não estão escritas em papéis, então não é possível dobrá-las ao meio. Só resta um significado de dobrado: multiplicação.

O que Fê disse realmente fazia sentido. Podíamos dobrar o número um, que seria 1+1=2 e seguir a mensagem do segundo canto.

Four confirmou o raciocínio de Fê, dizendo que os trabalhadores daqui usavam muito a matemática em enigmas que passavam nas aulas. Então, com a conclusão de Fê e a confirmação de Four, decidimos arriscar e seguir o caminho do segundo canto, nele havia dois barris.

A mensagem que estava nesse canto era estranha. Digo, muito estranha. Até Four fez uma cara de espanto quando a viu, o que demonstrava que nem ela tinha entendido. Estávamos ferrados. A mensagem dizia:

“Quarto 42845. Computador 199 Canto 3 Porta 0 Teto 4.”

Meu senhor, como decifrar uma mensagem que parecia ser escrita em outra língua? Enfim, copiamos a mensagem no pedaço mínimo de papel que sobrou e seguimos para o quarto andar, corredor 28, sala 45. Essa era sempre a parte mais fácil de decifrar, depois que Four nos ensinou, facilitou muito. Mas ainda tínhamos que decifrar o resto.

Chegando à sala, vimos vários computadores, exatamente como dizia a mensagem, mas como, diabos, iríamos decifrar qual era o computador 199? Naquela sala nem cento e noventa e nove deles havia. É, realmente estávamos ferrados, e eu nem conseguia mais raciocinar direito sobre o que a mensagem dizia.

Four e Fê estavam caladas, provavelmente tentando entender o enigma, mas nenhuma das duas deu notícias de

alguma descoberta. Já meio sem esperança, decidi ir abrindo cada um dos seis computadores que encontramos para ver se eu achava alguma coisa.

Enquanto eu ia ligando computador por computador, percebi que todos tinham senha. Que porcaria. Como a gente ia descobrir alguma coisa assim?

Sem paciência, fui colocando o número 199 como senha em todos os computadores. Fiz sem esperança nenhuma, apenas no impulso mesmo. Mas, na terceira vez que eu coloquei a senha 199 em um computador, ele abriu.

As meninas ficaram surpresas e eu também. E também fiicamos muito felizes, claro. Mas logo Four tirou o sorriso do rosto e fez uma expressão de quem já estava raciocinando sobre a próxima etapa.

Após abrir aquele computador, vimos que em cada canto da tela havia uma pasta com um arquivo. Four virou-se para nós, apontou para a tela e disse:

-Dentro desta pasta está a mensagem certa.

Fê e eu ficamos confusos e perguntamos:

-Como você deduziu isso, Four?

-Pense comigo. Na mensagem que encontramos dizia “Canto 3”, certo? Então, como eu não tinha como saber qual desses era o canto três, notei que nos quatro cantos do papel de parede há flores com um número específico de pétalas em cada flor, percebem?

Meu deus, como a Four reparou no número de pétalas em cada flor nos cantos da tela? Só ela mesmo para fazer essas análises. Mas realmente o que ela disse fazia sentido. Era meio louco, mas tudo bem.

Surpresos, abrimos a pasta três, e dentro dela havia um arquivo com uma mensagem que dizia o seguinte: “olhe debaixo da mesa.”

Foi exatamente o que fizemos. Debaixo da mesa havia um tipo de passagem secreta. Havia uma porta bem pequena e estreita e com o número 0, como o bilhete que nos levou até ali falava. Não aparentava ter algo muito grande lá dentro, e, quando abrimos, confirmamos isso. Era uma porta que não dava em lugar nenhum. Apenas havia um pequeno espaço sem nada dentro. Confusos, lemos a mensagem mais uma vez e notamos que dizia “Teto 4”. O que seria o quarto canto do teto?

Vimos que realmente havia mensagens diferentes em todos os quatro cantos do teto. A partir de experiências passadas em outros quartos da fábrica com aquelas mensagens malucas, olhamos que em um dos cantos havia quatro riscos na letra “T”.

Copiamos o que estava escrito. Era uma mensagem muito mais fácil de entender do que a anterior, o que era muito bom. Nela dizia:

“Quarto 28436 Teto”

Notei imediatamente que não indicava em qual canto do teto estaria a mensagem, mas imaginei que iríamos dar um

jeito de descobrir, então nem me importei muito nessa hora.

Enquanto seguíamos para o segundo andar, corredor 84, sala 36, eu notei no caminho um barril. Eu não tinha visto barris em nenhum outro corredor antes, somente numa sala, e obviamente achei aquilo muito estranho. Parei para ver o que havia dentro. Abri e havia lá uma lanterna. Four percebeu que eu tinha achado aquele objeto e pediu para eu pegar a lanterna. Vai que eu precisaria dela em algum novo enigma?

Chegando ao tal quarto indicado, lemos a mensagem e tentamos raciocinar. Quarto 28436 Teto. Ponto final. Nada sobre o canto do teto em que estava a resposta certa para o enigma, se é que estava em algum canto. Sabíamos que não podíamos chutar qual era, ou pegar qualquer um, pois, se errássemos, estaríamos ferrados. Tínhamos que acertar de qualquer jeito.

Four se manteve parada olhando para a mensagem e para o teto, mas virando o olhar para algo diferente na sala a cada momento. Já Fê estava olhando para cima para ver se achava alguma coisa. Depois de alguns segundos, Four disse:

-Eu não tenho ideia de como vamos decifrar esta mensagem, se não sabemos o canto em que ela está.

Four tinha uma expressão triste, de quem parecia decepcionada. Para tentar animá-la, eu disse:

-Hum, e se a mensagem não estiver em nenhum canto? E sim no meio, por exemplo?

Nós três trocamos olhares felizes, como se ainda tivéssemos uma chance. Fê pegou uma caixa que tinha naquela sala e subiu para dar uma olhada no teto. Não havia nenhuma mensagem aparente, mas Fê não perdeu as esperanças e viu que havia marcas, que parecia haver algo escrito no teto.

-Marcos, Four! Vejam isso! Não parecem aquelas marcas quando algo é escrito com caneta de tinta invisível?

Achei o raciocínio dela genial. Perguntei:

-Aquelas canetas que vem com diário infantil? Que são lidas apenas com luz negra?

-Dessas mesmo!

Nesse momento, Four olhou para o meu bolso, onde eu guardei aquela lanterna que eu tinha achado minutos antes. Logo depois, nós dois nos encaramos por alguns segundos e, além de notar que ela ficou corada, eu vi que tínhamos pensado na mesma coisa: tentar ler a mensagem usando a lanterna.

Peguei a lanterna do meu bolso e iluminei a mensagem, mas não era possível enxergar nada de diferente. Tomei um susto quando Fê tomou a lanterna de mim. Até que valeu a pena o meu grito fino e alto que ajudou a aliviar um pouco meu nervosismo. Ela então rodou a parte de baixo da lanterna e a luz ficou negra! Eu e Four achamos aquilo incrível, e, percebendo o nosso espanto, Fê disse:

-Ei, vocês não sabiam disso? Muitas lanternas são assim, quando você gira essa parte, muda para luz negra.

Gente, eu não sabia disso. Me senti um burro, mas não era hora de desanimar. Peguei a lanterna de volta e coloquei a luz negra na mensagem. Aí, sim, eu estava conseguindo enxergar tranquilamente o que havia escrito.

Four pegou um papel e anotou a mensagem, que era bem diferente das outras. Era uma espécie de endereço. Eu tinha esperança de ser o lugar onde Paul estava. Fiquei bem animado com essa possibilidade.

“Rua Hionasaki, 827, bairro Karidesu.”

Nomes em japonês eram estranhos, mas tudo bem, não era hora de observações nada a ver. Ignorando isso, lembrei que tínhamos um problema: estávamos presos ali naquela fábrica. Como sair? Four e Fê devem ter pensado a mesma coisa. Fê sugeriu:

-Four, Marcos, vamos procurar a Lara, talvez ela possa nos ajudar a sair daqui e nós aproveitamos para descansar um pouco.

Concordamos com Fernanda e fomos procurar a Lara pelos corredores daquela fábrica enigmática. Fomos direto para a mesma sala em que vimos Lara da última vez, com esperança de que a menina pudesse estar ali ainda.

Ao chegarmos, vimos Lara sentada em um canto com um papel e um lápis no colo. Ela parecia estar desenhando e, quando notou a nossa presença, guardou as coisas e se levantou, seguindo em nossa direção.

-Marcos, Fernanda e Four! Tudo bem? Precisam de alguma coisa?

Lara disse isso com um sorriso no rosto, parecia estar feliz em nos ver. Eu logo perguntei:

-Bom, nós encontramos um endereço e achamos que pode ser onde o chefe, o tal do Paul, pode estar, mas tem um problema, estamos trancados aqui e muito cansados!

-Hum, entendi. Sobre vocês saírem daqui, vi um dos trabalhadores passando com chaves presas no cinto da calça. Podem ser da porta principal. Ele foi naquela direção.

Quando eu ia abrir a boca para agradecer, Four disse:

-Duas coisas. A primeira é que estamos muito cansados e queríamos descansar um pouco. Que tal descansarmos antes de tentar sair? A segunda coisa: como esse trabalhador é?

-Ah, desculpe. Descansem então e amanhã vocês continuam a busca. O trabalhador é de tamanho normal, da altura do Marcos, tem cabelos longos, lisos e castanhos... Hum... Um olho claro, e ele é magro. O Simon, sabe?

-Ah, acho que sei quem é. Obrigada, Lara!

Era uma boa notícia saber que Four provavelmente conhecia aquele cara. Isso ia ajudar muito na busca. Mas como exatamente iríamos pegar a chave dele? Isso eu não sabia. Por enquanto, só sabia que estava quase desmaiando de sono.

Fomos todos dormir. No dia seguinte, logo depois de comer, claro, iríamos procurar o tal homem: Simon.

NONO CAPÍTULO – ESCONDERIJO DE PAUL

Mesmo ainda com muito sono, porque adolescentes sempre estão com sono, eu acordei cedo no dia seguinte. Fui comer enquanto esperava as meninas acordarem. Enquanto eu me levantava, Fê me viu e foi junto comigo. Só faltava Four acordar para continuarmos a nossa busca.

Depois de uns dez minutos, Four acordou, e logo fomos procurar aquele homem das chaves. Estava bem cedo, então ele poderia estar dormindo ainda! Enquanto eu pensava sobre como nós iríamos pegar as chaves, Four disse:

-Bom, eu conheço esse lugar e as pessoas daqui muito bem. Esse homem que Lara citou é o Simon. Ele é vigia do quarto andar. Ele acorda tarde. É a nossa chance de pegar as chaves e abrir a porta principal no primeiro andar.

Four acabou de falar e Fê disse:

-Espera aí! Quantos andares, corredores e salas tem essa fábrica!?

-Hum, se eu não me engano, são seis andares, dois subterrâneos, mais de cem corredores, e eu não tenho ideia de quantas salas, mas sei que são muitas. Essa fábrica é imensa!

Ficamos surpresos. Eu achava que lá tinha no máximo quatro andares, uns vinte corredores e salas, mas pelo o que

Four disse era muito mais do que eu imaginava! Meus instintos de nerd falharam dessa vez. E não foi por pouco.

Terminamos a conversa e seguimos para o quarto andar. Logo na entrada havia uma cadeira e uma mesa, onde eu deduzi que o tal do Simon trabalhava. Mas ele não estava ali no momento. Acreditava que fosse a nossa chance de pegar as chaves, então não perdemos tempo e fomos direto para o quarto dele. Four sabia onde era.

Paramos em frente a uma porta que Four afirmou ser a do quarto do homem, então fizemos o mínimo de barulho possível para entrar. A porta não estava trancada, o que nos facilitou. Procuramos a chave por todas as prateleiras e nada. Mas aí eu as vi debaixo da cama do tal Simon. Mostrei para Four e Fê, ambas fizeram um sinal para eu pegá-las e correr dali.

Tudo parecia ir bem, mas, quando eu peguei as chaves e corri para a porta de saída, acabei derrubando um vaso de planta que estava pendurado na parede ou melhor, mal pendurado, o que fez o homem acordar. Ele despertou bem assustado. Nós três corremos desesperados para fora do quarto, em direção a alguma sala para nos escondermos dele. Simon tomou consciência do que estava acontecendo e foi correndo atrás de nós. Por sorte, não conseguiu nos achar. Vendo que tínhamos despistado o homem, corremos para o primeiro andar para finalmente abrir a porta principal e dar o fora dali.

Mas não foi fácil. Testei três chaves e, só na quarta e última, consegui abrir a porta. Já podia ouvir passos de Simon vindo atrás de nós. Eu tremia e chamei as meninas para corrermos para fora da fábrica na velocidade da luz!

Só paramos quando não tinha mais como continuar correndo. Assentamos no chão e respiramos aliviados. Tínhamos finalmente conseguido sair dali. Peguei o papel com o endereço no meu bolso, mas não fazíamos ideia de onde ficava a rua Hionasaki, número 827, no bairro Karidesu. Sem GPS ou um celular para ajudar, nossa única opção era tentar pedir informação. Four obviamente falava japonês muito bem e foi logo pedir ajuda para uma mulher que passava.

Depois de conseguir o que precisava, Four voltou e nos disse:

-A mulher me informou que para chegar na rua Hionasaki temos que seguir em frente por quatro quarteirões e virar à direita.

Até que não era tão longe quanto eu pensava. Nós três fomos andando até a rua indicada e não estávamos muito cansados ainda. Seguimos quase sempre em silêncio, até que Four disse:

-Gente, eu sei que é meio brega, mas vamos criar um nome para esse nosso trio investigativo?

Eu achei a ideia dela bem legal e nem um pouco brega, então eu disse:

-Por mim pode ser. Eu achei uma boa ideia, mas não tenho ideia de qual nome.

Fê me olhou e disse:

-Hum, um nome. Até que é legal. Mas não tenho ideia nenhuma de nome.

-Marcos, Fê, que tal FMF?

-Desculpa, Four, mas isso eu realmente achei brega.

Nós três rimos do comentário de Fê. Realmente era bem brega aquele nome, mas eu não tinha ideia nenhuma de outro.

Andamos em silêncio por mais um tempo, pensando em um nome interessante, mas nada vinha na minha cabeça. Queria colocar um nome que demonstrasse o fato de que éramos investigadores de uma fábrica aterrorizante e cheia de psicopatas, isso que achava bem legal!

Depois de alguns minutos, Four disse entusiasmada:

-Gente, sei que não é tão bom, mas não consegui pensar em mais nada, e a princípio vocês também não.

-Fala logo, Four! Qual nome você pensou?

É, a Fê não tem um pingo de paciência.

-Que tal Detetives Destemidos?

Eu realmente achei aquele nome legal, e melhor ainda, que a abreviação dele ficava legal também! Então, eu disse:

-Detetives Destemidos. DD. Eu gostei!

Four deu um sorriso e me olhou, e confesso que fiquei com vergonha, o sorriso dela é muito bonito, eu devo ter ficado que nem um pimentão. Mas vamos ao que interessa. Fê olhou para Four e disse:

-Eu também gostei! Four, Marcos e Fernanda: os três Detetives Destemidos!

Esse nome soou tão legal que eu até já me sentia famoso.

Quando demos o nome ao nosso trio, percebemos que já havíamos chegado à rua Hionasaki. Não foi tão demorado assim. Peguei o papel onde estava anotado o endereço para conferir:

“Rua Hionasaki, 827, bairro Karidesu.”

Bom, já estávamos no bairro Karidesu, na rua Hionasaki, então só faltava achar o número do lugar. Não sabíamos se era uma casa, um prédio ou um comércio, mas continuamos seguindo a rua e procurando o número 827.

Andamos alguns metros. Não foi tão difícil achar o lugar, porque a rua não era grande. O endereço era de uma casa bem pequena que, quando se olhava de frente, aparenta ser a moradia de uma idosa com 90 anos. É que tinha aparência de uma casa antiga. Achei bem estranho, mas pensei que Paul podia ficar escondido em um lugar desses para não chamar atenção.

Nós três trocamos olhares apreensivos, pois não sabíamos o que encontraríamos ali. Eu estava tremendo e suando, confesso que parecia ser o que estava com mais medo.

Porque eu imaginava que estávamos prestes a descobrir a verdade sobre essa fábrica e se havia sido realmente a Four a causadora da explosão. Provavelmente encontraríamos outros caras perigosos ali, mas tínhamos que correr o risco para acabar com essa tal substância que dá poderes aos usuários, mas que também poderia matar. Eu não queria ver mais pessoas morrendo. E ainda tinha mais coisa a ser descoberta: a suspeita perda de memória de Four.

Seguimos em direção à porta daquela pequena residência. As meninas estavam determinadas a entrar, embora Fê demonstrasse um pouco de medo também. Ao contrário delas, eu estava tremendo e visivelmente aterrorizado.

Ao tentarmos abrir a porta, ela já estava aberta, como se fosse um convite de boas-vindas! Logo quando entramos, havia um homem gordo e careca, com bigode branco e olhos pequenos, sentado em frente a um computador com uma tela enorme. Four entrou na nossa frente e estendeu o braço, como se estivesse dizendo para não passarmos daquele ponto.

O homem virou-se para trás, olhou para nós três e depois focou seu olhar em Four, abriu um sorriso. Ele disse:

-Que surpresa ver você por aqui.

Four respirou fundo, deu um suspiro aparentemente raivoso. Seu olho esquerdo começou a sangrar, exatamente como aconteceu naquela vez que seus poderes foram usados na nossa frente. E logo o olho direito também começou a sangrar. Eu sou um pouco lerdo, não é? Demorei alguns

segundos para perceber que Four estava levantando uma bigorna, que eu não tinha ideia de onde surgiu. Num piscar de olhos, o homem estava desacordado no chão.

Corremos para dentro da casa e nos escondemos debaixo de uma mesa. Nos certificamos que não havia mais ninguém por perto para continuarmos seguindo nossas buscas pela casa, mas foi aí que um homem alto passou em frente à mesa, acompanhado por um outro bem baixinho, que aparentava ser seu secretário. O mais baixo estava com um papel na mão, anotando tudo que o mais alto falava. Fê levantou-se discretamente, depois que os dois seguiram seu caminho, e disse:

-Gente! Prestem atenção! No crachá do homem mais alto está escrito “Paul Jefferson”!

Então esse homem era o tal do Paul, o provável diretor daquela fábrica e a pessoa que sabia todos os segredos de lá.

DÉCIMO CAPÍTULO – O PLANO LOUCO DE MARCOS

Nós três fomos procurar uma sala para nos trancar e discutir um plano para conseguir acessar as informações guardadas na casa. Fomos olhando sala por sala até chegar a uma com uma porta de ferro. Entramos. Era um quartinho apertado, e nós três nos jogamos no chão, cansados, logo após eu trancar a porta. Não podíamos perder tempo, então começamos a discutir. Fê deu uma sugestão:

-Marcos, Four, eu pensei em uma coisa. Vocês se lembram daquele papel que o homem mais baixo tinha nas mãos? Parecia ser um papel todo escrito. Se pegássemos esse papel, será que teríamos as informações necessárias para dar um fim no uso dos produtos químicos?

A ideia de Fê era boa, mas tínhamos que bolar um plano para pegar o papel. Eu disse:

-Para isso, podemos esperar até a hora desses homens dormirem e, assim, pegarmos o papel.

Four questionou:

-Ei, Marcos, não é tão fácil assim. Ainda não vi, mas aqui deve ter câmeras. Precisamos primeiro localizá-las e desabilitá-las para depois cumprir esse plano.

Eu e Fê confirmamos o pensamento de Four. Era meio de tarde ainda, então dava tempo de checar se havia câmeras e, caso elas existissem, de procurarmos um jeito de desativá-las. Eu me levantei, saí da sala de fininho e vi

filmadoras que aparentemente gravavam áudio também, então, obviamente, tínhamos que desligá-las primeiro.

Contei a novidade para as meninas. Four abriu uma caixa ao lado dela, procurando alguma coisa lá dentro. Depois de alguns segundos, ela retirou um mapa que aparentava ser daquela casa. Eu fiquei surpreso e perguntei:

-Mas como você sabia que havia um mapa aí?

-Na verdade, Marcos, eu fui na sorte.

Nós três começamos a rir e fomos analisar aquele mapa. Notamos que havia duas pequenas salas com os nomes de “Sala de Experimentos” e “Depósito”. Entre elas, havia uma sala denominada “Câmeras”. Seria nosso próximo destino.

Precisávamos correr até lá. Assim, caso alguém estivesse checando as câmeras, não teria tempo de perceber nossa presença. Então, raciocinamos o melhor caminho e corremos de novo na velocidade da luz!

Por fora, a casa aparentava ser pequena e simples, mas por dentro era enorme e até bem arrumada. No caminho, apesar da correria, eu tentava observar tudo para ficar mais fácil de nos locomover após desligarmos o sistema de segurança. Foi aí que vi, em cima de uma mesa, um papel que me interessou. Já tinha visto de longe e, quando passei por ele, peguei-o e continuei correndo que nem um doido.

Ao chegarmos à sala, havia um homem dormindo. Mesmo ele não sendo muito perigoso para nós naquele estado, seria bom darmos um jeito para evitar problemas no futuro.

Enquanto eu e Fê tentávamos desligar o sistema, Four pegou aquele homem com “a mente” e o levou para algum lugar que eu não tenho ideia onde era. Ela disse que daria um jeito nele.

Enquanto Fê terminava de desativar as câmeras, resolvi abrir o papel que havia pegado no caminho. Vi que era um desenho de uma fábrica. Eu imediatamente deduzi que ali estava registrado o lugar de onde tínhamos acabado de fugir, aquele local que eu nem vou chamar de fábrica mais: aquele inferno onde torturam pessoas. Não tinha ideia do motivo de terem feito esse desenho, mas achei que não era importante, então larguei o papel para trás.

Fê nos avisou que tinha conseguido desativar o sistema de segurança. Voltamos então ao mapa para identificar onde ficava a sala de Paul. Na verdade, era bem longe de onde estávamos, praticamente do outro lado da casa, e tínhamos que ser muito cautelosos para encontrarmos com ninguém.

Para chegar até o outro lado, onde ficava a sala do Paul, fomos nos escondendo atrás de móveis a cada passo que dávamos. Quando chegamos perto da sala, andamos com mais cuidado ainda, imaginando que o poderoso chefão estivesse lá. No caminho, eu me lembrei de um detalhe importante e disse:

-Gente, ainda nem é noite, eles ainda não foram dor...

Four me interrompeu nessa hora, tampou a minha boca e apontou para uma pilha de papéis que estava numa mesa em frente à sala de Paul. O último papel na pilha era

idêntico ao que o homem baixo levava, enquanto acompanhava o chefe! Era exatamente naquela pilha que precisávamos chegar.

Eu já ia abrir a boca de novo, agora para falar um plano para pegarmos aquilo, mas em questão de segundos a Fê correu até a pilha, pegou os papéis, voltou correndo e fazendo um sinal para irmos atrás dela. Eu e Four estávamos surpresos com a loucura que ela tinha acabado de fazer, mas não hesitamos e fomos atrás de Fê.

Paramos na mesma sala em que tínhamos nos trancado antes. Eu fechei a porta e nos jogamos no chão, cansados mais uma vez. Depois de alguns segundos processando o que tinha acabado de acontecer, eu me levantei rapidamente, peguei os papéis que Fê tinha largado no chão. Só de passar o olho bem rápido percebi que ali estavam muitas informações importantes. Então comecei a ler em voz alta:

- Mais uma dose da substância 82 e duas doses da 72 indo direto para a fábrica.

Essa parte das substâncias, os códigos e efeitos nós já sabíamos. Pulei para a folha seguinte, que parecia ser uma espécie de diário. Aquilo parecia interessante, então li para as meninas:

- Mais um dia nessa casa, querido diário. Eu não aguento mais seguir ordens de Paul e continuar injetando duas substâncias em crianças inocentes só para elas desenvolverem poderes. Eu realmente espero que isso pare

um dia e que os outros trabalhadores daqui percebam que estão sendo manipulados por esse chefe maluco e que, na verdade, todo o dinheiro do projeto vai para ele. Como ninguém percebeu isso antes? É algo tão óbvio... Mas continuando, hoje foi um dia normal aqui. Não recebi relatórios de crianças novas sendo enviadas nos últimos dois meses, e isso é muito bom. Mas uma coisa que eu estou temendo é essa fórmula que está sendo criada atualmente e que deixa os poderes mais fortes. Eu acredito que ela mate os usuários mais rápido. Eu não quero perder mais ninguém. Nessa noite, as duas doses da 72 e uma dose da 82 vão ser levadas para a fábrica para serem injetadas nas doze crianças: Diana, Romeu, Nina, Luna, Nath, Theo, Eleonor, Victor, Michael, Eduardo, Lilian e Amanda. Eu definitivamente não queria ver mais crianças tão pequenas morrendo. Tomara que ocorra um milagre e alguém impeça as doses de serem levadas para lá, onde não tem mais nenhuma dose. Bom, foi isso por hoje, querido diário.”

Nós três estávamos surpresos. Muito surpresos. Conseguimos inúmeras informações num só papel. Por incrível que pareça, era tudo o que precisávamos saber. Tínhamos que impedir aquela transferência das doses. Eu estava determinado:

-Temos que impedir o que vai acontecer hoje à noite. Essas doses não podem chegar lá de jeito algum!

As meninas e eu estávamos bolando mais um plano. Tinha que ser infalível, feito com muito cuidado, porque agora, mais do que nunca, nada podia dar errado. Depois de alguns minutos, eu consegui ter uma ideia e fui contar às meninas:

- Sigam o raciocínio! Provavelmente um caminhão irá levar as doses até a fábrica, certo? E obviamente terá alguém dirigindo. É aí que você entra, Four! Você se esconde embaixo do caminhão antes de o motorista chegar, e, quando ele for entrar no veículo, você joga alguma coisa pesada na cabeça dele para deixá-lo desacordado. Essa coisa pesada pode ser essa tábua de madeira aqui, por exemplo. É meio agressivo, mas você conseguiria controlar o golpe para não machucar o homem demais, né?

Eu não tinha ideia de como uma tábua de madeira tinha chegado ali naquela sala, mas prossegui:

-Depois, você arranca os cintos de segurança, amarra o homem no banco de trás para ele não interferir e dirige o caminhão até a mata que há perto dessa rua. Lembra de quando viemos até aqui? Então, você provavelmente viu uma espécie de florestinha. É lá que você irá estacionar o caminhão. Agora, vou explicar o meu papel e da Fê nessa história. Nós dois iremos sair da casa pela porta principal enquanto o porteiro estiver ajudando carregar as doses no caminhão. Aí vamos correndo até a mesma mata onde Four irá estacionar, e, antes de o caminhão chegar, pegamos querosene e fósforos que eu espero encontrar no depósito dessa casa. Vamos queimar esse produto. É nesse incêndio que iremos jogar todas as doses.

As meninas demonstraram surpresa, e Fê perguntou:

-Ok, mas tenho algumas dúvidas. Como, diabos, Four irá dirigir um caminhão!?

Four respondeu com a maior confiança do mundo:

-Eu me viro. Tive uns treinamentos meio doidos na fábrica.

-Certo. Segunda pergunta: e se não tiver querosene e fósforo no depósito?

Eu estava muito confiante, então disse:

-Nós pegamos outra coisa.

Era um plano arriscado, eu confesso. Afinal eu não sabia se tudo que eu planejei iria acontecer, como se um homem iria ajudar a carregar as doses, se haveria um caminhão. Mas esperava que tudo desse certo. Quando anoitecesse, colocaríamos nosso plano em prática.

DÉCIMO PRIMEIRO CAPÍTULO – O FIM

Era quase noite, então decidimos ir ao depósito mostrado no mapa, procurar material para incendiar as doses. Seguimos o caminho certo, sempre com cautela, nos escondendo atrás de coisas e indo sem fazer barulho. Já no tal depósito, que por sorte não era longe da sala em que estávamos, procuramos por fósforos e querosene ou outro produto inflamável.

-Marcos! Aqui tem fósforo!

-Boa, Fê! Eu vou procurar o querosene ou algo parecido!

Por incrível que pareça, era nosso dia de sorte. Havia algumas latas com querosene dentro, reconheci pelo cheiro forte e bem característico. Eu não tinha ideia do motivo de terem isso nesse lugar, mas agradeci! Depois de pegarmos uma caixa de fósforos e duas latas de querosene, voltamos para a “nossa sala” para esperar anoitecer. Eu estava nervoso e com medo de algo dar errado. E pelo jeito Four e Fê estavam do mesmo jeito.

Não demorou muito e começamos a ouvir barulhos dos trabalhadores arrumando as coisas para a transferência das doses, então começamos a colocar nosso plano em ação.

Four saiu correndo na frente em direção ao caminhão que estava estacionado na garagem, enquanto Fê e eu pegamos os fósforos e o querosene e fomos para o lado de fora da casa. Nervosos, corremos mais uma vez na velocidade da luz

até a mata que ficava perto da casa de Paul. Eu suava frio e engolia a seco. Estava tremendo de medo. Tecnicamente, eu ia iniciar um incêndio. Controlado, mas era um incêndio.

Four já estava posicionada embaixo do caminhão, quando o motorista chegou e entrou no veículo. Ela então voou para cima cima dele com a tábua e desacordou o homem, deixando o pobre coitado amarrado e desmaiado no banco de trás. Ela era bem forte.

Four realmente sabia dirigir e levou o caminhão até o local do encontro. Dirigiu até bem para quem não tinha experiência nenhuma com isso, somente treinamentos em simuladores.

Fê e eu chegamos ao local combinado, onde iríamos queimar o material, derramamos o querosene num pequeno espaço para evitar que o fogo se espalhasse e, desesperados, esperamos Four chegar perto para tirar as doses do caminhão e acender o fósforo.

Ela não demorou muito. Logo estacionou e fomos tirar toda a carga da carroceria. Fizemos isso voando. Quando todas as doses estavam no chão, derramei um pouco mais de querosene e joguei o fósforo. Um grande incêndio começou e fomos correndo para outro lugar, para observar enquanto tudo era queimado.

Segundos depois de o incêndio começar, vimos Paul correndo, provavelmente atrás de nós. Nesse momento de desespero, eu gritei:

-As crianças na fábrica!

Nós três corremos desesperados até a fábrica para soltar as crianças. O plano era só falar que tinha um incêndio ali perto ou algo do tipo e que era para elas saírem do imóvel. Nem elaboramos uma estratégia dessa vez. Com um homem psicopata correndo atrás da gente e um incêndio do nosso lado, nem ia dar tempo para conversar e pensar em algo melhor.

Corremos como loucos até a fábrica e, quando chegamos lá, procuramos todas as doze crianças. Four deu um grito:

-Achei!

Fê e eu corremos em direção à voz da Four e, enquanto isso, Paul entrava na fábrica nos perseguindo. Avistamos as crianças que moravam lá e eu gritei:

-Todos me sigam! Temos um incêndio! Emergência!

Isso foi o suficiente para que elas aceitassem sair e assim conseguimos tirar todas as crianças lá de dentro. Fê veio correndo atrás de mim, mas, quando chegamos ao lado de fora, notamos que nem Four e nem Paul estavam ali.

Deixamos as crianças ali. Orientamos que elas corressem para o outro lado da rua, que não estava muito movimentada. Eu e Fê voltamos para dentro e avistamos Paul enforcando Four. Eu não sabia o que eu fazer e torcia para ela usar algum poder.

Mas, num piscar de olhos, Paul pegou uma garrafa de água que tinha trazido com ele e posicionou em cima de Four.

Água era a fraqueza da nossa amiga. Sabíamos que Four agora corria muito perigo.

Paul abriu a garrafa d’água e derramou tudo em cima de Four. A cabeça dela foi reclinando. E, enquanto seus olhos iam se fechando, um sorriso foi se abrindo. Eu estava sem reação. Vendo os olhos caídos da menina, eu senti um rio de lágrimas descendo pelas nascentes dos meus próprios olhos. Fernanda, ao meu lado, ajoelhou-se e aos poucos também foi se afogando em suas próprias lágrimas.

Paul finalmente soltou o pescoço de Four e se afastou. Ele sabia que estava enrascado. Fê e eu então fomos correndo na direção dela. Nós três nos abraçamos forte, chorando, sabendo o que iria acontecer. Não podíamos fazer nada. Era o destino de Four, a menina da saia com número de torcida organizada.

Ela levantou um pouco a cabeça e olhou dentro dos meus olhos com um olhar que demonstrava felicidade, como se tivesse cumprido sua missão. Eu encarei fundo seus olhos castanhos, já meio perdidos e, nesse momento, eu senti mais uma lágrima escorrendo em meu rosto. Four então se virou para Fê, deu um suspiro e disse:

-Eu te amo, Fernanda.

Fê começou a chorar mais ainda e respondeu:

-Eu também te amo.

Four voltou seu olhar para mim e deu o sorriso mais lindo que eu já tinha visto, um sorriso tão bonito que com ele eu

já estava chorando mais. Eu olhei para o 4 da saia, lembrando do dia em que pensei que Four fosse um robô. Ela me encarou:

-Marcos, obrigada por ser a pessoa mais incrível que eu já conheci. Eu te amo muito.

Eu me emocionei mais e mais. Mesmo me afogando de tanto chorar, respondi:

-Eu te amo infinitamente, Four. Dessa vida para outra.

Ela sorriu, olhou para cima, abriu os olhos mais uma vez e respirou profundamente. Four estava fraca, pálida, completamente no limite. O corpo já estava mole. Em seus últimos segundos na Terra, ela olhou para mim e para Fê uma última vez e disse devagar, já com a voz bem trêmula:

-Eu não... sei o meu nome...

Fê olhou para ela com uma expressão que, naquele momento, eu não sabia descrever, e surpreendentemente falou:

-Nós vamos sentir sua falta, Laila.

FIM

CAPÍTULO EXTRA – CADÊ ELE?

Tio André, achando que a gente tinha feito amigos e por isso tínhamos sumido, só voltou a se importar com a tal fábrica quando chegamos chorando ao hotel. Contamos tudo a ele. Sei que não acreditou em muita coisa, mas tudo bem. Os jornais do dia seguinte provariam a missão que os Detetives Destemidos começaram e a polícia tinha que terminar, prendendo Paul e os outros e cuidando das crianças.

Meu tio devolveu a gente para nossas famílias. Minha mãe neurótica ficou tão feliz que eu não estava doente nem machucado, que logo fez a proposta:

- Próximas férias com o Tio André de novo, hein?

Mas acho que não vai dar. Meu tio fez amizade com aquele homem do avião, ficou todo interessado nos projetos de esporte dele que decidiu voltar para o Japão. Meu tio meio louco agora está treinando para fazer alguma apresentação e me disse que vai ser voluntário nas Olimpíadas. Sei não, mas, se Tio André aparecer na televisão, eu mostro para vocês.

Sobre a autora:

Alice Barone

A autora desse livro é uma *otaku* de 13 anos que adora ler. Também gosta muito de dançar. Ama coisas coloridas e se veste igual a um arco-íris. É uma menina muito feliz e sorridente que mora em Belo Horizonte :)

http://www.enigmadafabrica.com